



A CORRESPONSABILIDADE FEMININA NO ACOMPANHAMENTO ESCOLAR DE CRIANÇAS EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE ENSINO BÁSICO EM MANAUS-AM

FEMALE CO-RESPONSIBILITY IN THE SCHOOL MONITORING OF CHILDREN
IN A PUBLIC BASIC EDUCATION INSTITUTION IN MANAUS-AM

Naire Paes da Silva¹

RESUMO: O artigo tem o objetivo de analisar criticamente a naturalização da corresponsabilidade feminina no acompanhamento de crianças no âmbito da Educação Básica, visando fomentar discussões e ações que evidenciem a relevância da participação coletiva dos/as responsáveis, independente de gênero. Trata-se de um estudo de maior porte que buscou analisar o papel da família no processo de ensino e aprendizagem em uma escola pública estadual situada em Manaus-AM, numa região de periferia. Metodologicamente, os dados foram coletados por meio de observações, entrevistas e dados quantitativos obtidos pela pesquisadora, enquanto pedagoga da unidade educacional com a anuência da gestão escolar. O enfoque é qualitativo, cujas interpretações crítico-reflexivas levantam discussões que buscam não naturalizar as representações sociais que ainda estão muito voltadas a considerar a figura feminina como a principal responsável pela educação das crianças. Os resultados evidenciam a pouca presença masculina no acompanhamento da vida escolar dos/as alunos/as, em detrimento da predominância feminina. Conclui-se que no contexto da pesquisa, o gênero feminino está associado a ser o principal responsável pela educação e cuidados com as crianças, enquanto que o masculino é pouco referenciado nesse âmbito, porém, relacionado ao sustento econômico do seu núcleo familiar.

Palavras-chave: Educação Básica; figura feminina; Manaus; crianças.

ABSTRACT: The article aims to critically analyze the naturalization of female co-responsibility in monitoring children within the scope of Basic Education, aiming to foster discussions and actions that highlight the relevance of collective participation of caregivers, regardless of gender. It is a larger study that sought to analyze the role of the family in the teaching and learning process in a state public school located in Manaus-AM, in a peripheral region. Methodologically, the data were collected through observations, interviews, and quantitative data obtained by the researcher, while working as an educator at the educational unit with the consent of the school management. The focus is qualitative, with critical-reflexive interpretations raising discussions that aim not to naturalize the social representations that still largely consider the female figure as the main responsible for children's education. The results highlight the low male presence in monitoring the school life of students, in contrast to the predominance of females. It is concluded that in the research context, the female gender is associated with being the main responsible for the education and care of children, while the male gender is little referenced in this regard, but related to the economic support of their family nucleus.

Keywords: Basic Education; Female figure; Manaus; children.

INTRODUÇÃO

Os processos educativos na sociedade contemporânea devem ser (re)pensados cada

¹Naire Paes da Silva, Mestra em Ciências da Educação pela Universidad Del Sol - UNADES, naire.paes@educ.net



vez mais sob uma perspectiva crítica, tendo em vista uma educação de qualidade para todas as pessoas. Buscar estratégias e implementar metodologias que sejam eficazes para promover a aprendizagem das crianças, investir na formação docente, em recursos pedagógicos e na infraestrutura das instituições escolares são aspectos óbvios e relevantes dentro desta perspectiva.

No entanto, as responsabilidades da escola, enquanto instituição muitas vezes é limitada, ainda que ela se configure como um espaço social e estratégico para o desenvolvimento dos seres humanos nos âmbitos cognitivos, científicos, culturais, afetivos, dentre outros. Nesse sentido, é importante destacar a responsabilidade da família para o desenvolvimento do/a educando/a em diversos aspectos da vida humana. Trata-se de um trabalho em colaboração. A escola e a família têm objetivos educativos convergentes, cuja finalidade principal é o bem-estar e o desenvolvimento integral da pessoa (FEVORINI; LOMÔNACO, 2009).

Na contemporaneidade o conceito de família e a composição dos núcleos familiares têm se modificado. Muitos desses núcleos são chefiados por mulheres e dentre outros perfis, porém, socialmente a concepção de família está associada a um padrão hegemônico, constituído pela presença das figuras masculina, feminina e filhos/as (FEVORINI; LOMÔNACO, 2009; RIBEIRO; CRUZ, 2013).

Ainda que existam várias configurações acerca de família, as representações sociais sobre a figura feminina ainda estão muito reduzidas à responsabilização pelos cuidados e pela educação dos/as filhos/as, enquanto que a masculina ao sustento do lar, em termos econômicos (MELO; CONSIDERA; DI SABBATO, 2007). Essas implicações são históricas e culturais e se refletem em vários aspectos sociais e no âmbito deste artigo se enfatiza a atribuição de mais uma tarefa ao gênero feminino – a corresponsabilidade pelo acompanhamento da vida escolar das crianças.

Para Hall (2016, p.31), a representação consiste em uma forma de expressar algo sobre o mundo ou uma forma de representá-lo às pessoas. Desse modo, é possível dentro do contexto da realidade cotidiana, manifestar significados, representar coisas, pessoas, lugares. Nesse nicho se inclui a atribuição de tarefas tipicamente como sendo femininas e/ou masculinas. Jodlet (1989, p. 4) argumenta que a representação social é “uma forma de conhecimento desenvolvido e partilhado, que contribuem para a construção de uma realidade comum a um grupo social”. Desse modo, as representações sociais vão ganhando forma em vários âmbitos, dentre eles, os alusivos à figura feminina.

Não é raro perceber discursos e ações que colocam o papel feminino na condição exclusiva de cuidados maternos. No âmbito escolar, percebe-se que as reuniões pedagógicas, apesar de muitas delas serem intituladas “Reunião de Pais e Mestres” são compostas predominantemente por mulheres, as quais se configuram como as principais responsáveis pelo acompanhamento da vida escolar das crianças, ainda que muitas delas pertençam a um núcleo familiar com a presença da figura masculina.

Nesse sentido, compreende-se que a responsabilidade de educar é tanto das famílias, quanto da escola, sendo que, esta última enquanto, instituição legalmente incumbida da responsabilidade de educar crianças e jovens deve estar atenta às mudanças nas composições familiares da contemporaneidade. Essa atenção é necessária, pois existe um discurso frequente entre os/as educadores/as, respaldado por teóricos da sociologia e



da educação, de que essa “nova” configuração familiar aparentemente não consegue desempenhar certas funções educacionais que são fundamentais para o contexto escolar, transferindo essa responsabilidade para a escola (FEVORINI; LOMÔNACO, 2009). Mas, a intenção deste artigo não é levantar discussões dentro desta perspectiva, mas colocar em evidência que a responsabilidade de educar as crianças, muitas das vezes é reduzida ao entendimento de que é uma tarefa exclusivamente feminina.

Diante disso, o objetivo principal deste artigo é analisar mediante uma perspectiva crítica a naturalização da corresponsabilidade feminina no acompanhamento das crianças no âmbito da Educação Básica, visando fomentar discussões e ações que evidenciem a relevância da participação coletiva dos/as responsáveis, independente de gênero.

O campo de investigação foi uma escola pública estadual da periferia da cidade de Manaus, no qual, trinta (30) pessoas responsáveis por crianças de turmas de 1º a 5º ano do Ensino Fundamental colaboraram com o referido trabalho. Assim, a relevância científica e social se debruça em torno do levantamento de discussões, produção de conhecimentos sobre a temática em um contexto mais restrito de uma escola de Educação Básica. Infere-se que o trabalho pode contribuir para a desconstrução de estereótipos de gênero, bem como para a valorização da participação ativa de todos os membros da família no processo educacional das crianças. Compreende-se que dentro desta perspectiva, a figura feminina não deve ser sobrecarregada com a responsabilidade exclusiva desse acompanhamento e, é fundamental promover discussões e ações que ampliem a participação coletiva dos/as responsáveis.

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE E NO CONTEXTO FAMILIAR

Segundo Scott (1995), o conceito de gênero pode ser compreendido como uma estrutura social construída com base na percepção das diferenças sexuais, que estão entrelaçadas em relações desiguais de poder. Quando se levanta discussões sobre essa questão, objetiva-se debater e transformar a construção social e cultural das relações, buscando pluralizá-las e democratizá-las, tendo em vista romper com dicotomias e hierarquias estereotipadas.

Nesse sentido, é pertinente discutir que as representações sociais acerca do gênero feminino e masculino são profundamente enraizadas na cultura e história das pessoas. Essas representações moldam a maneira como se percebe e se espera que as mulheres e os homens atuem nos diversos âmbitos sociais. Trata-se de construções coletivas que refletem valores, crenças e normas compartilhadas por uma sociedade (JODLET, 1989; HALL, 2016).

No entanto, as representações acerca do que é ser feminino, muitas vezes não refletem a verdadeira identidade individual de cada mulher, a qual é frequentemente associada a papéis tradicionais, como cuidadora, zeladora e educadora (BARROS; MOURÃO, 2018).

Nesse contexto, compreende-se que existem diferenças entre os corpos das pessoas de gêneros distintos, mas reconhe-se também que há significados culturais que são construídos em relação às diferenças entre homens e mulheres. Isso implica em retirar o



gênero do âmbito da determinação biológica e posicioná-lo no contexto social e histórico (LOURO, 1994; SCOTT, 1995).

Nos diversos espaços sociais, dentre eles, os educacionais é muito comum à associação do suposto “mal comportamento” das crianças à falta de cuidado da figura materna. Suscitam-se comentários do tipo: “onde está a mãe desse/a menino/a que não lhe ensina a se comportar corretamente”? Raramente se problematiza o motivo de sempre atribuir ao gênero feminino tal responsabilidade. Nessa perspectiva, percebe-se que intencionalmente (ou não!) o papel feminino é estereotipado à maternidade e aos cuidados com a educação das crianças.

Conforme Bernardes (2003), os estereótipos são retidos na memória e podem moldar as percepções e ações futuras em relação a um grupo específico e seus indivíduos. Essa influência persistente pode influenciar na maneira como se interage com as pessoas, muitas vezes de forma automática e inconsciente.

Quando essas representações sociais limitam o papel da mulher à maternidade, à esfera de executora de trabalhos domésticos, bem como a principal responsável pelas tarefas concernentes à educação das crianças (BARROS; MOURÃO, 2018) evidenciam uma série de preconceitos puramente associados a questões de gênero.

Nesse âmbito, é relevante trazer para a discussão, as situações que no cotidiano da escola denotam a corresponsabilidade feminina em mais uma tarefa que é a de monitorar e/ou acompanhar a educação das crianças, seja junto ao corpo pedagógico, seja no âmbito familiar. Essas discussões são profícuas para a desconstrução de estereótipos acerca da figura feminina muito atrelada ao cuidado. Diante disso, surgem muitas indagações e possibilidades de se repensar sobre processos educativos que suscitem reflexões, discussões e ações que ampliem a participação das pessoas responsáveis pelos/as estudantes da Educação Básica, independente de gênero.

A exploração das representações sociais sobre o papel da mulher na sociedade e no contexto familiar incita todas as pessoas a repensarem e transformarem essas percepções, buscando uma sociedade mais igualitária e justa.

A RESPONSABILIDADE DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NO PROCESSO EDUCATIVO DAS CRIANÇAS

No âmbito da legislação, a Constituição Federal do Brasil de 1988 no seu Artigo 205 expressa que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Na mesma perspectiva, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) ressalta que é crucial a participação dos pais/mães e/ou responsáveis no processo de gestão democrática nas instituições escolares. Entretanto, mais do que cumprimento de uma determinação legal, se faz necessário o fortalecimento dessa parceria colaborativa entre a família, no sentido de proporcionar o desenvolvimento pleno das pessoas, seja intelectualmente, socialmente, afetivamente e outros âmbitos.

Segundo Szymansky (2001), a função da família, além dos aspectos afetivos é



promover aos seus/suas entes o acolhimento em um ambiente seguro, orientando-os/as a superarem as dificuldades dentro do contexto familiar e em vivências fora de casa, tendo como principal base educativa, o diálogo e a reprovação de qualquer tipo de violência.

Desse modo, a família configura-se como um núcleo de apoio, onde inicialmente as pessoas têm as primeiras orientações acerca do viver em sociedade, sendo a tarefa de educar inerente à ela.

Assim, compreende-se que o processo educativo ocorre dentro de uma relação ampla entre pais/mães e outras pessoas responsáveis pelos/as estudantes e a equipe docente/pedagógica, não cabendo apenas à escola tal responsabilidade. É preciso parceria, colaboração, diálogo e discussão, de modo se tenha amplo entendimento de que a aprendizagem não se concretiza como algo individual, mas é desenvolvida em uma rede de vínculos. Nesse sentido, a família se configura como indispensável para estabelecer uma ponte junto à escola para o desenvolvimento intelectual, afetivo, social, dentre outros indispensáveis para o viver em sociedade (REIS, 2007).

É importante destacar que dentro do contexto educacional e nos próprios discursos de educadores/as há expectativas de que os/as alunos/as que provenham de uma família tradicional, em que o pai é o provedor financeiro e a mãe se dedica integralmente aos filhos e filhas e suas obrigações escolares tenham maior sucesso acadêmico. Esse é um fator que possivelmente influencia na aprendizagem e rendimento escolar, no entanto, os/as educadores/as devem estar atentos/as às mudanças sociais que afetaram as configurações de família. Os/as profissionais da educação, ao se depararem com as dificuldades de aprendizagem e/ou comportamentais dos/as alunos/as, quando não se encaixam nesse modelo familiar, acabam alimentando diversos preconceitos contra eles/elas, evitando assim lidar com o problema e se eximindo de qualquer responsabilidade (FEVORINI; LOMÔNACO, 2009). Nesse cenário, é fundamental refletir que as dificuldades de aprendizagem e o baixo desempenho escolar têm origem em diversos fatores, incluindo o próprio funcionamento da instituição escolar.

Diante disso, é importante evidenciar o papel da família no processo de ensino aprendizagem, considerando que este é um aspecto que tende a favorecer o bom desempenho escolar, visto que o convívio da criança com a família é muito maior do que o convívio com a escola, mas muitos outros fatores devem ser considerados dentro dessa perspectiva.

Cabe salientar que “[...] se toda pessoa tem direito à educação, é evidente que os pais também possuem o direito de serem, senão educados, ao menos, informados no tocante à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos” (PIAGET, 2007, p. 50).

Salienta-se que a escola sempre estará desempenhando a sua função de educar, mas jamais ela substituirá a responsabilidade dos/as pais/mães em relação à educação dos/as seus/suas filhos/as. Trata-se de uma responsabilidade coletiva inerente ao núcleo familiar e o escolar, e ressalta-se ainda que o processo educativo não cabe exclusivamente à figura feminina, mas é uma responsabilidade de todas as pessoas.

CAMINHO METODOLÓGICO E CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO

A pesquisa ocorreu em uma escola pública da rede estadual do Amazonas. A referida unidade educacional está localizada no Bairro Monte das Oliveiras, em região de



periferia – Zona Norte da cidade de Manaus. Atende as modalidades de Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos/as, Programa de correção de fluxo (AVANCAR). No contexto da presente investigação, a instituição educacional atendia 610 alunos/as, distribuídos nos turnos matutino e vespertino. Os dados deste estudo se referem às turmas do turno matutino de Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano).

CARÁTER DA INVESTIGAÇÃO, SUJEITOS PARTICIPANTES E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A investigação tem caráter qualitativo, mas que se vale de dados quantitativos, sendo conduzida com base nos estudos de Sampieri, Colado e Lúcio (2013):

O pragmatismo envolve uma multiplicidade de perspectivas, premissas teóricas, tradições metodológicas, técnicas de coleta e análises de dados de dados, e entendimentos e valores que constituem os elementos dos modelos mentais [...] voltados para o desenho mais apropriado para uma formulação, situação e contexto específico (Sampieri, Colado e Lucio, 2013, p. 105).

Os/As colaboradores/as da pesquisa foram as pessoas responsáveis por crianças matriculadas em turmas de 1º a 5º ano do Ensino Fundamental, cuja amostra corresponde a 20% das famílias (pai, mãe, avó e/ou outro/a responsável), totalizando 30 pessoas.

Os instrumentos de coletas de dados consistiram em: observação, entrevistas e dados quantitativos obtidos na pedagogia da instituição. Na coleta de dados foram utilizadas observações dos momentos de entrada e saída, observações que ocorreram em reuniões de pais/mães e professores/professoras, além de entrevistas semiestruturadas com os/as responsáveis pelos/as alunos/as. As observações foram registradas em diário de campo, as entrevistas foram gravadas, e posteriormente transcritas.

Conforme Szymanski (2018), a entrevista face a face é fundamentalmente uma situação de interação humana, na qual estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para o/a entrevistador/a e entrevistado/a. Essa interação proporciona um momento de organização de ideias e construção de discurso para o interlocutor, sendo um processo interativo que envolve a troca de significados e o sistema de crenças e valores.

O roteiro da entrevista com os pais, as mães e outros/as responsáveis tinha o intuito de capturar as principais percepções acerca do que é família, qual o papel da família na educação da criança e quem são os/as principais responsáveis pelas crianças no processo educativo, seja no contexto escolar, seja no contexto familiar. Os responsáveis assinaram o termo de consentimento de livre esclarecido (TCLE) e foram codificados por caracteres alfanuméricos, R01 até R30, onde “R” significa Responsável pela criança e os números de 01 a 30, se referem ao quantitativo de participantes.

As análises são qualitativas, valendo -se das ideias de Sampiere, Colado e Lucio (2013) que definem que a investigação qualitativa é interpretativa. As interpretações dos discursos dos participantes buscam desconstruir estereótipos que reduzem o papel feminino à maternidade e à responsabilidade de educar as crianças. Também enfatiza que o

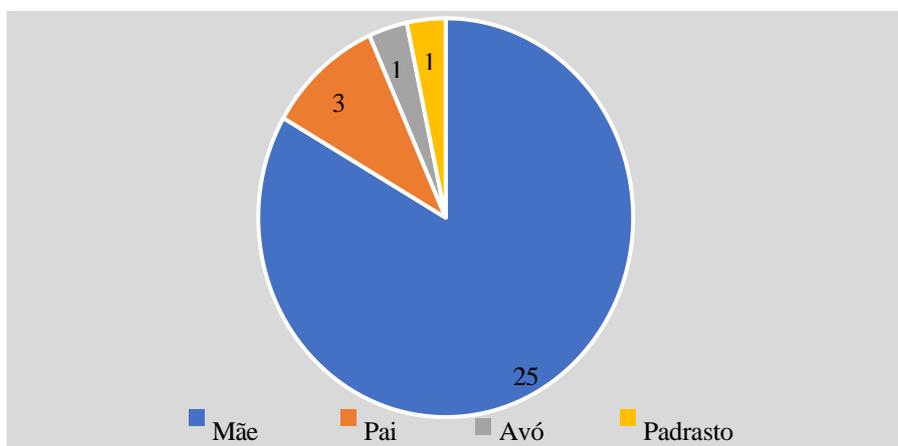


acompanhamento do processo educativo, seja no contexto escolar, seja no familiar é de responsabilidade coletiva de todos/as os/as responsáveis, independente de questões de gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados apresentados no Gráfico 1 mostram que a maioria das pessoas responsáveis (n=30) pelo acompanhamento dos alunos/as no contexto do público pesquisado eram do gênero feminino: mães e avó (n=26), que corresponde a 86% de participação. Em contrapartida, percebe-se a participação mínima de pessoas do gênero masculino nesse acompanhamento. Ressalta-se que o acompanhamento em questão se refere ao contexto escolar, o qual envolve a participação em reuniões pedagógicas e/ou consulta periódica ao professor e/ou à professora, tendo em vista monitorar o desenvolvimento da aprendizagem da criança pelo/a responsável.

Gráfico 1. Principal responsável pelo acompanhamento da criança no contexto escolar



Fonte: a autora (2022)

Dentre os pais responsáveis dois (n=2) assumiram que não acompanham com frequência o processo educativo das crianças, seja no âmbito escolar, seja no familiar devido não ter tempo disponível por motivo de trabalho, mas sempre que podem se esforçam para fazê-lo; outro (n=1) justificou que devido não morar com a criança, ficava impossibilitado de participar efetivamente.

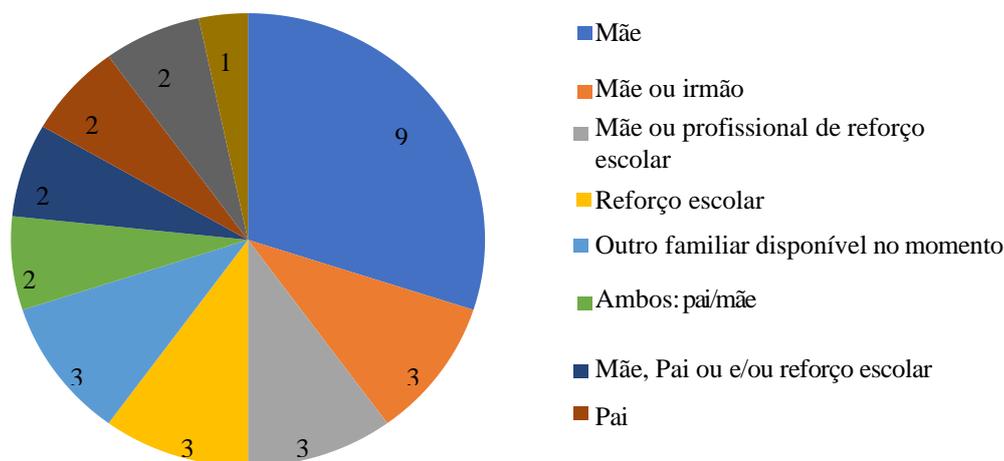
Outro importante resultado se refere ao monitoramento da aprendizagem, seja verificando os cadernos, seja realizando as lições passadas pelo/a professor/a no contexto familiar (Gráfico 2). Esses dados mostram quem é (quem são) os/as principais responsáveis pelo acompanhamento nessa esfera.

Por meio dos dados do Gráfico 2 é possível perceber que a mãe é a principal responsável pelo acompanhamento das crianças em atividades escolares no contexto familiar (30%). Quando esta não é a única responsável, ela divide com outras pessoas tal tarefa: mãe ou irmão (10%), mãe ou pessoa responsável pelo reforço escolar (10%). É possível observar ainda, que a criança conta com a colaboração de outras pessoas na realização das tarefas: profissional de reforço escolar (10%), outros familiares disponíveis (10%) e



um percentual mínimo de acompanhamento coletivo, isto é, do pai e da mãe (6,66%).

Gráfico 2. Responsável pelo monitoramento e/ou auxílio em tarefas escolares no âmbito familiar



Fonte: a autora (2022)

Esses resultados dialogam com Chechia e Andrade(2005) que segundo as suas constatações, a mãe é a pessoa que com maior frequência acompanha as atividades escolares dos/as filhos/as. Essa prática no contexto familiar é de extrema importância, pois é a partir desses momentos que os pais/mães podem perceber o desenvolvimento escolar ou não das crianças, sendo uma responsabilidade coletiva.

Nas duas situações abordadas, isto é, o acompanhamento no âmbito escolar e no âmbito familiar é feito predominantemente pela mãe. Essas constatações são apontadas no trabalho de Fevorinio e Lomânco (2009) no que se refere a disposição das mulheres para participar de reuniões de pais/mães e outros/as responsáveis por alunos/as. Os referidos autores fazem algumas conjecturas para essa pouca participação masculina em reuniões escolares, destacando os aspectos afetivos, psicológicos e/ou culturais e sociais, em que o cuidado com os/as filhos/as ainda parece ser predominantemente uma responsabilidade feminina.

Ainda que existam diversas configurações de família, culturalmente, a mulher desempenha muitas tarefas relativas aos afazeres domésticos, cuidados com os/as filhos/as, cônjuge, entre outras – e além disso, muitas delas ainda desempenham funções profissionais fora do ambiente familiar. É como se existe uma cobrança social para a mulher nesse âmbito da educação e do cuidado. Em contrapartida, ao homem, essa cobrança é associada à provisão econômica. Comumente, trabalhar fora de casa e dar a garantia do sustento à família é como se fosse obrigação do homem e, isso é suficiente para que não haja socialmente outros tipos de cobranças como àquelas com os afazeres domésticos e/ou cuidados com os/as filhos/as que também é de sua responsabilidade (NASCIMENTO, 2016).

A investigação mostrou que os dados apresentados têm concordância com pesquisas realizadas sobre a educação de crianças, as quais constataram que a mulher (mãe, avó, tia, etc.) tem uma maior participação na educação escolar do que o homem (pai, avô, tio, etc.). Outro aspecto constatado neste trabalho é que as mulheres foram as



peças que mais se disponibilizam a colaborar com pesquisa (GUIMARÃES, 2008; PINTO, GARCIA, LETICHEVSKY, 2006). Os poucos homens participantes da investigação reconheceram a importância da ação de acompanhar a criança no processo educativo, no entanto, eles afirmaram que não fazem esse acompanhamento de forma frequente, devido questões de trabalho e/ou morarem em local diverso ao que a criança reside.

CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA SEGUNDO OS/AS PAIS/MÃES E/OU RESPONSÁVEIS E AS SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO EDUCATIVO

Dentre as concepções que mais se sobressaem nas respostas das pessoas responsáveis pelos/as alunos/as acerca do que é e/ou representa a família, destacam-se: a) Grupo de pessoas que vivem juntas e unidas: família enquanto grupo de pessoas que vivem juntas e são unidas, compartilhando as experiências pessoais, ajudando-se mutuamente e tendo objetivos comuns; b) Sentido da vida: família enquanto razão da própria vida, como mais importante de tudo; c) Dedicção/cuidado: família, enquanto espaço onde as pessoas dedicam-se ao bem estar e ao cuidado mútuo; d) A base: família enquanto base de tudo ou especificamente da pessoa ou da sociedade.

As concepções de família apresentadas pelos/as pais/mães e outros/as responsáveis foram bastante variadas. Foi identificada uma visão positiva da família, sendo que ela se apresenta como elemento central da vida da pessoa em termos de convivência e união, formação, significado e relevância, dedicação e cuidado, responsabilidade e afetividade.

Em 40% das respostas dos responsáveis a família é concebida como sendo as pessoas que vivem juntas e unidas. Exemplo das falas de duas pessoas responsáveis “R19” e “R06”:

R 19: *“Pra mim é estar junto, né? É compartilhando com o outro, né? [...]”*;

R06: *“[...] Família pra mim é tudo, hoje. Antes, não, mas hoje, minha família pra mim é a coisa que eu tenho mais... prazerosa da vida, hoje [...]”*.

Percebe-se que a família é uma importante aliada no processo educativo da criança, sendo compreendida como um grupo de pessoas que almejam o seu desenvolvimento pleno, assegurando-lhe apoio, cuidado e afetividade.

A família como base da sociedade também é enfatizada, daí a importância de levantar de discussões sobre a problematização do acompanhamento das crianças em atividades escolares seja no âmbito da instituição escolar, seja no ambiente familiar como uma responsabilidade coletiva, independente de gênero. Essa responsabilidade não deve recair somente para as pessoas do gênero feminino, mas deve ser uma prática coletiva daqueles/daquelas que são responsáveis por crianças.

Mães, pais, e outros/as responsáveis devem ter a compreensão e o devido apoio das instituições educacionais, das empresas onde trabalham, tendo em vista, o acompanhamento escolar da criança, assegurando-lhes o referido direito que muitas vezes é negligenciado/ou justificado por questões referentes ao trabalho dos/as responsáveis.

Essa investigação tem concordância com o trabalho de Fevorini e Lomônaco (2009), no sentido de conceber criticamente a ideia de que a família atravessa uma crise e, conseqüentemente, não transmite valores cruciais de convivência social, transferindo essa responsabilidade para a escola. Trata-se de uma generalização injustificada. Não se



pode negar que a situação em questão ocorra, no entanto, parece mais apropriado afirmar que algumas famílias estão engajadas na educação escolar de seus/suas filhos/as, enquanto outras não estão. É importante destacar ainda que o acompanhamento escolar das crianças não parece estar diretamente ligado às novas estruturas familiares ou ao fato de as mães trabalharem fora e se dedicarem com afinco à vida profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho levantou discussões acerca da naturalização da corresponsabilidade feminina no acompanhamento da vida escolar de crianças de uma escola pública de Manaus. As reflexões buscam evidenciar que a responsabilidade de educar abrange todos/as os/as responsáveis pela criança, independente de gênero. O processo educativo é inerente à família, não cabendo somente à escola essa responsabilidade, isto é, é um processo colaborativo entre ambas instituições.

No contexto da pesquisa, as pessoas do gênero feminino são a maioria no acompanhamento escolar das crianças (86%), ainda que muitas delas desempenhem diversas tarefas profissionalmente ou no ambiente familiar. As constatações principais são que a figura feminina está muito associada aos cuidados maternos e à educação da criança, enquanto, a figura masculina ao sustento do lar em termos econômicos, sendo que, essa responsabilidade é socialmente aceita para que outras responsabilidades com cuidados e acompanhamento nas atividades escolares seja considerado algo secundário.

Dessa forma, são levantadas reflexões sobre os estereótipos de gênero que podem limitar o envolvimento ativo dos homens no processo educativo, defendendo que é essencial promover discussões e ações para desconstruir esses estereótipos e incentivar a participação igualitária de todas as pessoas que são responsáveis por crianças, seja no âmbito familiar ou escolar.

No âmbito deste trabalho, a análise qualitativa dos dados valeu-se da subjetividade da pesquisadora, desempenhando um papel importante, o que significa que outras interpretações podem ser feitas dos mesmos dados. A forma como o tema em questão foi explorado neste artigo, significa que ele não foi baseado em hipóteses específicas sobre a família e a relação entre família e escola, mas sim buscou pontuar como a figura feminina é corresponsabilizada pelo acompanhamento da vida escolar das crianças, valendo-se de observações no contexto de reuniões, acompanhamentos e entrevistas com as pessoas responsáveis pelos/as estudantes. Nesse sentido, estudos adicionais são necessários para discutir e produzir conhecimentos sobre a referida temática.

Em suma, o estudo busca valorizar a participação ativa de todas as pessoas responsáveis por crianças no processo educacional, reconhecendo que a educação é uma responsabilidade compartilhada, independentemente do gênero, de modo que seja fundamentada numa compreensão de que um ambiente mais inclusivo e colaborativo, beneficia tanto as crianças, quanto a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

BARROS, S. C. da V.; MOURÃO, L. Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, p.



e174090, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30174090>. Acesso em 09.04.2024.

BERNARDES, D. L. G.. Dizer «não» aos estereótipos sociais: As ironias do controle mental. *Análise Psicológica*, 3 (XXI), 2003, p.307- 321. Disponível em: <https://doi.org/10.14417/ap.13>. Acesso: 08. abr. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, 1996.

CHECHIA, V. A.; ANDRADE, A. dos S.. O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar. **Estudos de Psicologia**, v. 10, n. 3, p. 432-433, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000300012>. Acesso em 09.abr.2024.

FEVORINI, L. B.; LOMÔNACO, J. F. B.. O envolvimento da família na educação escolar dos filhos: um estudo exploratório com pais das camadas médias. **Psicologia da Educação**, n. 28,p. 73-89, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/43103>. Acesso em 08.abr.2024.

GUIMARÃES, L. de S.. **A infância e sua educação diante das mudanças familiares: concepções de mães e professoras da educação infantil**. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado)- Programa de graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2008. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/prefix/1547> Acesso em 05.04.2023

HALL, Stuart.. **Cultura e Representação**. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Trad. Daniel Miranda; Willian Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

JODELET, D.. Représentations sociales: un domaine en expansion. *In*:JODELET, D. (Ed.) **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith AlvesMazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993.

LOURO, G. L.. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v 11, 31-46, 1994. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11412/8317> Acesso em: 9 abr. 2024.

MELO, H. P. de; CONSIDERA, C. M.; DI SABBATO, A.. Os afazeres domésticos contam. **Economia e Sociedade**, v. 16, n. 3, p. 435-454, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-06182007000300006>. Acesso em 09.abr.2024.

NASCIMENTO, S.. D. Precarização do trabalho feminino: a realidade das mulheres no mundo do trabalho. **Revista de Políticas Públicas**, vol. Esp, p. 339-346, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.22422/2238-1856.2014v14n28p39-56>. Acesso em: 08.abr.2024.



OLIVEIRA, C. B. E. DE .; MARINHO-ARAÚJO, C. M.. A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 27, n. 1, p. 99–108, jan. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100012>. Acesso em 08.abr.2024.

PIAGET, J. **Para onde vai à educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

PINTO, F. C. F.; GARCIA, V. C. ; LETICHEVSKY, A. C.. Pesquisa Nacional Qualidade na Educação: a escola pública na opinião dos pais. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.53, p.527-541, 2006. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ensaio/v14n53/v14n53a08.pdf>. Acesso em 09.abr.2024.

REIS, R. P.. Relação família e escola: uma parceria que dá certo. **Mundo Jovem: um jornal de ideias**, n 373, p.6, Fev, 2007. Disponível em: <https://meuartigo.brasilescuela.uol.com.br/pedagogia/relacao-familia-escola-uma-parceria-importante-no-processo.htm>. Acesso em: 09.abr.2024

RIBEIRO, F. S.. ; CRUZ, F. M. L. Representações sociais de família por crianças na cidade de Recife. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 612–622, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000300015>. Acesso em 09.abr.2024.

SAMPIERI, R. H. .; COLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de Pesquisa**. São Paulo: Mc-Graw-Hill, 3. ed, 2013.

SCOTT, J. W.. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995, Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em 09.abr.2024.

SZYMANSKI, H.. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Plano Editora, 2001.

SZYMANSKI, H.(Org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.